PRINCIPIOS DO DESENHO

TIRADOS

DO

GRANDE LIVRO DOS PINTORES,

OU

DA ARTE DA PINTURA,

DE GERARDO LAIRESSE,

TRADUZIDOS DO FRANCEZ PARA BENEFICIO DOS GRAVADORES DO ARCO DO CEGO,

DE ORDEM,

E DEBAIXO DOS AUSPICIOS

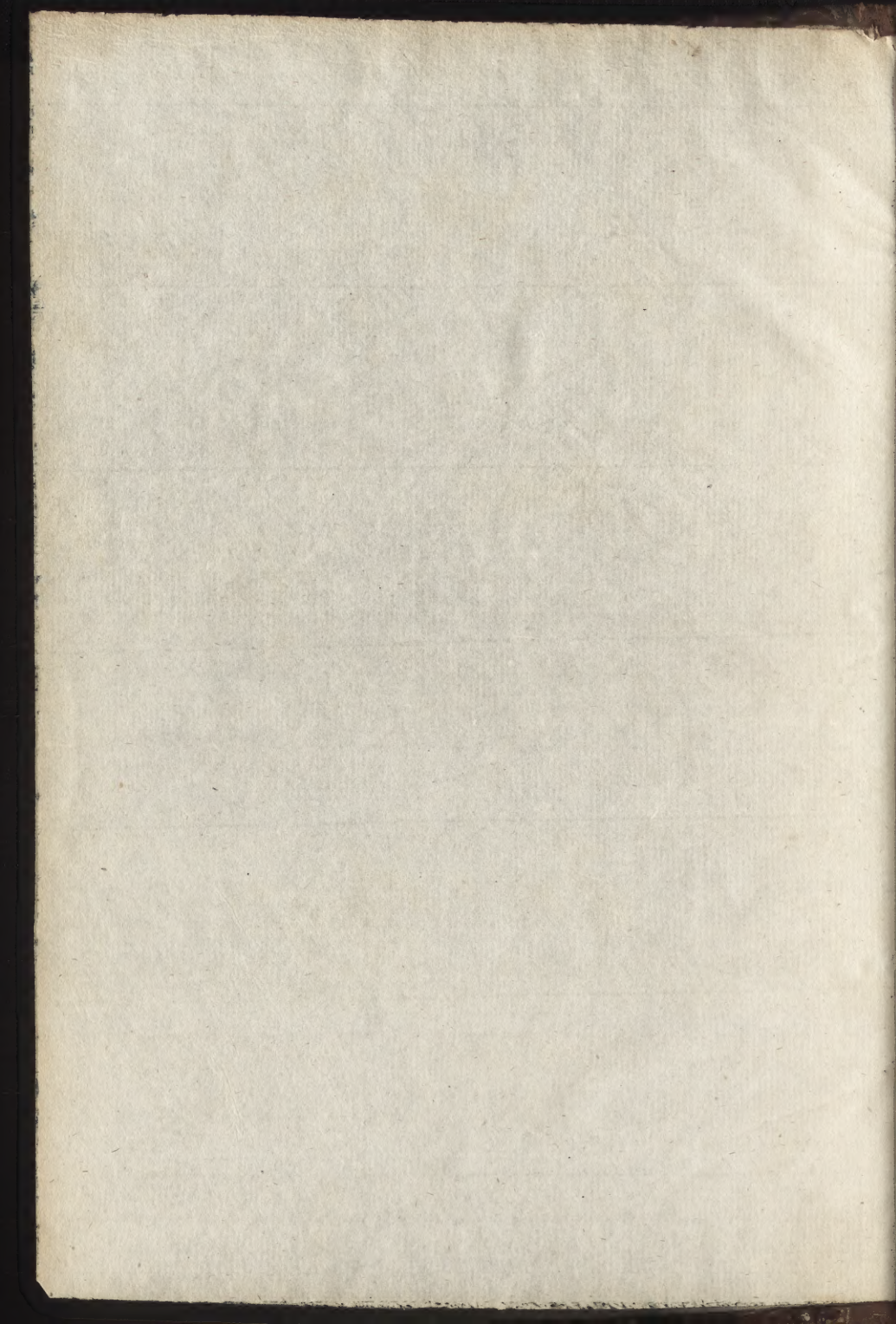
DE

SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE N. S.

LISBOA,

NA [illegible] TYPOPLAS-
TICA, E [illegible] ARCO DO CEGO.
[illegible]

[illegible]

SESSAÕ EXTRAORDINARIA

da Sociedade Litteraria Patriotica de Lisboa na noute de 24 de Julho de 1822.

Congregados os socios na salla das sessões, vestidos de luto, o presidente declarou aberta a sessaõ extraordinaria destinada á honra funebre dos benemeritos cidadaõs hespanhoes mortos, em Madrid, no campo da honra e em defeza da liberdade, no dia 7 de Julho do corrente anno.

Logo o honrado socio Jozé Liberato Freire de Carvalho, nomeado para orar sobre este assumpto, tomando lugar na meza á direita do primeiro secretario, recitou o seguinte discurso.

SENHORES. — Já em tempos bem antigos, porém tempos de grandes recordações, e de magnificos exemplos, practicados em favor da liberdade, foi mui louvavel e patriotico costume fazer públicos e solemnes elogios aos que no campo da honra e da gloria haviaõ vertido seu sangue, e dado as vidas generosas pela independencia, e liberdade da patria terra em que nasceraõ. Assim eu vejo que em Athenas, essa magnifica cidade, o berço antigo de todas as sciencias, e das artes, e o que mais he, da liberdade, subio um dia á tribuna um de seus primeiros oradores, e homens públicos, o eloquentissimo Pericles, para fazer o funebre elogio dos valentes, que pela causa da patria haviaõ perdido as vidas nos combates. A Grecia enthusiasmada ouvio entre mil transportes de um heroico patriotismo a nobre eloquencia do grande orador, que, cobrindo com religiosos ciprestes as cinzas illustres dos defensores da patria, exaltou sua gloria militar, in-

flammou os corações de seus ouvintes com o magnifico exemplo da emulaçaõ e das virtudes, e mostrou aos parentes e aos filhos dos que haviaõ morrido no campo da honra, que a immortalidade e a gloria naõ se ganhaõ se naõ por acções sublimes e heroicas. Pelas mãis e viuvas dos mortos foi o orador condusido em triumpho; e neste mesmo acto mostrou aquelle povo livre, que tanto honrar sabia dos mortos as virtudes como dos vivos os talentos.

He verdade, Senhores, que eu naõ tenho os brilhantes talentos de Pericles, nem hoje fallo na presença das mãis e das viuvas dos que no glorioso dia 7 de Julho perderaõ suas vidas em Madrid e suas visinhanças, depois de briosamente haverem combatido, e ganhado uma victoria assignalada sobre o despotismo, que, temerario, ousára ainda uma vez armar-se contra a liberdade Peninsular: fallo porém diante de Portuguezes, e Portuguezes escolhidos, que estimaõ em mais a liberdade do que as vidas; e que estaõ mui bem persuadidos de que uma victoria, alcançada a favor da liberdade nas margens do Mançanares, he realmente uma victoria ganhada sobre as margens do Tejo em Portugal. Em presença, pois, de taes ouvintes, bem que destituido dos talentos necessarios para bem desempenhar a honrosa Commissaõ de que esta illustre sociedade me incumbio, nada posso temer como orador; nem devo recear naõ ser ouvido com toda a attençaõ e interesse que um assumpto taõ nobre, e até mui santo e religioso he digno de inspirar. E, com effeito, que alma elevada e generosa, e, mais ainda, que peito Portuguez poderia deixar de interessar-se pela sorte magnifica e brilhante daquelles que sobre o augusto altar da Patria verteraõ seu sangue, e por fim deraõ as vidas para a livrar de um ataque monstruoso, que lhe tinha formado o despotismo, servindo-se dos proprios braços fratricidas de irmãos degenerados de familia taõ illustre?

Já em presença do Capitolio, e dentro dessa famosa cidade a Rainha do mundo, a antiga Roma, o primeiro povo da terra, o Povo Rei, milhares de vezes ce-

lebrou, entre vivissimos transportes de um patriotico delirio, a grande e virtuosa maxima politica — *de que naõ ha prazer mais nobre nem mais delicioso do que dar generosamente a vida pela patria.* Este grande e magnifico exemplo Romano acabaõ de dar os heroicos Hespanhoes, e essas invenciveis Guardas nacionaes, o Numen tutelar de toda a liberdade, no glorioso e fausto dia 7 do corrente: sim, dia mui fausto e glorioso; porque nelle a liberdade da Peninsula gravou com sangue a eternidade, por assim dizer, de sua politica existencia; e fez ver a todos os seus inimigos de além dos Pyreneos, que o despotismo, essa mortifera arvore do norte, e mais venenosa ainda que a peçonhenta arvore de Java, naõ póde jámais fructificar nas occidentaes e amanas plagas da Europa.

Em verdade, Senhores, sem amor da patria, e esse amor nobre, desinteressado e sublime, que a ella tudo sacrifica, até o primeiro dos bens, a propria vida, naõ pode haver liberdade nem ha cidadãos: só ha escravos. Por essa mesma patria se sacrificaram já os Curcios e os Decios quando a antiga Roma era o berço de uma heroica liberdade; e por essa mesma patria devem, em todo o tempo, os homens livres de todos os paizes tudo sacrificar, e tudo dar. Pela Patria, pois, se sacrificaraõ taõbem os honrados Hespanhoes: e á sua memoria gloriosa se devem todos os respeitos que em todos os tempos foraõ sempre tributados á primeira e mais sublime de todas as virtudes sociaes. Mas alem dos respeitos, que todo o homem livre lhes deve tributar; outros mui particulares, e mais sinceros e expressivos, se he possivel, devem ser-lhes offerecidos por nós Portuguezes, quazi a mesma familia e a mesma gente, e hoje irmãos na liberdade; naõ tanto pelo dever de uma boa visinhança, porem ainda por outro dever mais rigoroso, que he o da gratidaõ e da justiça. Com a victoria ganhada em Madrid a favor da liberdade no dia 7 do corrente, ganhámos nós em Lisboa nesse mesmo fausto dia outra victoria decisiva sobre nossos inimigos, que, talvez, nos tenebrosos

antros do silencio, ja estivessem aguçando seus perfidos punhaes, e delles houvessemos de ser victimas sem esta victoria assignalada. Será, pois, Senhores, o assumpto principal do meu discurso mostrar-vos: que os heroicos Martires Hespanhoes da liberdade, derramando seu sangue, e dando suas vidas generosas para conservarem constitucionalmente livre a illusrre terra em que nascerað, igualmente derramarað seu sangue e perderað suas vidas em favor da Constitucional causa Portugueza. E a final vos mostrarei: que o mais nobre e mais precioso tributo, que podêmos offertar á sua memoria, he seguir-lhes tað magnifico exemplo; e he desde este instante preparar-nos taðbem para briosamente resistirmos a nossos inimigos; determinando-nos já, e até jurando de bom grado e coraçað: ou que viviremos livres, ou morrerremos todos defendendo a nossa liberdade.

Vendo-se o entendimento humano envolvido em mil difficuldades, sem poder explicar como em a natureza phisica e moral havia uma contradicçað constante e permanente; e como a par do bem phisico e moral appareciað sempre males, que procuravað destruir todos os trabalhos da razað e das virtudes; concebeo entað esse sistema antiquissimo, absurdo na apparencia, porem mui sensato e phylosofico, da influencia e poder dos dois Principios, pelos quaes o mundo era regido. Na antiga Persia nasceo este ousadissimo sistema: mas a experiencia das idades e dos seculos tem verificado, que nað sem razað a Mythologia oriental havia recorrido, para explicar misterios incomprehensiveis, a um grande principio experimental. Com effeito, em toda a natureza sempre temos visto o genio do mal constantemente posto em campo contra o bem: e o que na ordem, puramente phisica e moral he uma verdade de facto indisputavel, o he por igual forma na ordem politica, ou na ordem social. A par dos grandes e irresistiveis desejos e amor da liberdade, logo desde as primeiras idades do mundo, vimos nascer outros iguaes desejos, e amor da escravidað: de sorte que o homem, que em todos os tempos ousou defen-

der sua liberdade, sempre deante de si encontrou logo outro homem que o quizesse reduzir á escravidaõ. Assim a lucta e os combates entre a servidaõ e a liberdade tem sido taõ eternos como o mundo: e pela mesma historia do mundo e das nações naõ temos visto se naõ uma serie continuada de victorias e derrotas entre homens livres e escravos.

He pois uma verdade inquestionavel que no mundo politico ou no mundo social tem havido huma guerra permanente entre os homens livres e os escravos; e que esta guerra assassina e fratricida tem sido soprada e auxiliada pelos dois principios influentes no humano coraçaõ, que vem a ser: o desejo ardente que certos homens tem de dominar; e o desejo natural que outros homens tem de subtrahir-se ao dominio, e a qualquer forçada dependencia. Só tem havido tregoas entre os combates da liberdade e tirania quando o homem, pela ignorancia reduzido ao misero estado de uma brutal situaçaõ, perdeo até o instincto e a nobre consciencias de que era um ente racional; e que das mãos de Deos havia sahido livre como o mesmo supremo auctor que lhe dera a existencia. Era só neste estado fatal de ignorancia , e de uma completa escuridade de razaõ e entendimento que o homem se podia esquecer de haver nascido livre; e até podia, sem vergonha, entregar-se, por assim dizer, á discriçaõ de seus tiranos. Mas neste estado deploravel , e taõ funesto para a humana liberdade, foi que o habito de mandar gerou o constante despotismo, e o habito de obedecer gerou a constante escravidaõ.

Com tudo, Senhores, assim como naõ he possivel que o corpo humano se conserve em pesado e perpetuo sono, tambem menos possivel ainda he, que a razaõ e a inteligencia se conservem por seculos sem fim no sono de uma brutal ignorancia. Tantos foraõ os insultos, tantas e taõ profundas foraõ as feridas, e taõ vergonhosos e pesados foraõ os grilhões com que o insensato despotismo maltratou, e opprimio o homem, por essencia mui livre e muito nobre; que em fim a razaõ humana, e o humano

entendimento acordaraõ do temporario sono em que jaziaõ, e logo diceraõ a seus tiranos: — *desde hoje ja naõ somos mais escravos!*

Em verdade, Senhores, que he o despotismo sem escravos? Cousa nenhuma! e primeiramente, por certo, estes appareceraõ do que houvessse um so tirano. Se o homem se poem de joelhos deante de outro homem, que muito he que este diga a aquelle: — *eu sou maior do que tu; e como assim, eu sou o teu senhor, e tu es o meu escravo!* Assim, uma vez que ousemos levantar-nos, toda essa desigualdade ficticia logo acabará; e veremos promptamente que todos somos da mesmissima estatura.

Dissipadas as trevas da ignorancia, felizmente nós os povos Peninsulares chegámos, ainda que tarde, a essa virilidade de razaõ, que nos fez sahir do longo e pezado sono politico em que depois de tantos annos estavamos dormindo. Nem era possivel que Hespanhoes e Portuguezes, esses mesmos que antes assoberbaraõ os dois mundos com prodigiosas ousadias, e que so as deveraõ a esse nobre espirito de liberdade em que eraõ educados, permanescessem eternamente em dura servidaõ. E eisaqui logo a razaõ porque immediatamente nos vimos em guerra declarada com todos os que, habituados a mandar-nos, assentavaõ que tinhaõ com isso adquirido o direito permanente de nossa positiva e servil obediencia.

Nossos irmãos e visinhos, os briosos Hespanhoes, sem vergonha o devemos confessar, foraõ os primeiros que ousaraõ libertar-se da escravidaõ domestica em que, como nós, havia muitos annos, andavaõ aviltados: e o que neste caso lhes dá sobeja honra he, que ao mesmo passo que com um braço denodado repeliaõ a tirania estrangeira, com outro, naõ menos vigoroso, plantavaõ em seu terreno abençoado a arvore magestosa da divina liberdade. Menos felizes do que elles, ou talvez, com mais verdade, muito menos resolutos e ousados, nós, repelindo com igual valor e igual resoluçaõ os aggressores ferozes de nossa independencia, naõ soubemos ao mesmo tempo fazer resuscitar a nossa antiga e perdida

liberdade. Cahimos, pelo contrario, em uma mais pesada, mais dura, e mais feroz escravidaõ: porem, assim mesmo, para o experto observador foi logo uma verdade conhecida, que se a Hespanha continuava a viver livre, Portugal a seguiria bem de perto na mesma carreira de uma suspirada liberdade.

Como porém os briosos Hespanhoes naõ estivessem apoiados na força moral, e força physica que lhes devia resultar se nós lhes houvessemos seguido o nobre exemplo, aconteceo: que, sendo atacados de improviso em 1814 por uma naõ esperada e furiosa tempestade, a ella foraõ obrigados a ceder; e por perto de seis annos pareceo que a liberdade havia morrido para sempre em ambas as Hespanhas! Porém, senhores, naõ ha fructo mais saboroso que o fructo delicioso da incomparavel liberdade: uma vez que alguem o prova, ou hade continuar no goso delle, ou hade expor a vida para o tornar a haver e a gozar! Assim aconteceo aos nobres Hespanhoes, que, acostumados a todas as delicias da saborosa liberdade, nunca desesperaraõ de a poder reconquistar: por isso Deos premiou sua nobre constancia, e seus nobres sentimentos no principio desse anno memoravel, o fausto anno 1820. Aquella importantissima victoria, sendo para a Hespanha um dia magnifico e brilhante, foi taõbem logo para nós a aurora de outro dia igualmente magnifico e brilhante. Sim os restauradores Hespanhoes, aõ darem á sua patria a liberdade, que andava por seis annos usurpada, logo escreveraõ com caracteres invesiveis dentro da salla de nosso palacio do Rocio, onde nossos oppressores cada dia apertavaõ mais nossos grilhões, a seguinte tremendissima sentença: — *Tiranos! preparai-vos para morrer!* E com effeito, suas agonias bem depressa começaraõ no memoravel dia 24 de Agosto: e a final elles morreraõ, para nunca mais resuscitarem em outro dia igualmente memoravel, o de 15 de septembro!

Agora já vedes, senhores, quanto a causa de Portugal tem andado sempre ligada com os sucessessos dos Hes-

panhoes. Já antes, quando nos foi preciso reconquistar
nossa independencia, e quebrar as cadeas de um jugo es-
trangeiro, o primeiro exemplo d'essa constante e deno-
dada resistencia á oppressaõ foi dado pela Hespanha; e
por nós logo foi seguido em Portugal. E daqui podemos
concluir: que os destinos politicos dos dois povos Penin-
sulares tem andado, e andaráõ sempre taõ unidos, que
as fortunas ou desgraças de um dos povos seraõ em todo
o tempo communs, e devedidas pelo outro.

Em grande obrigaçaõ, em fim, já nós estavamos
para com nossos visinhos os bravos Hespanhoes, por nos
haverem aberto aperigosa e defficilima estrada que con-
duzia á liberdade: porque, he preciso generosamente con-
fessar, que, sem aquelle heroico exemplo de ousadia, he
mui provavel, e até parece certo e inquestionavel, que
ainda neste dia nós arrastariamos escravos as algemas de
nosso antigo e pesado despotismo. Mas desde essa épo-
cha feliz e gloriosa, um só dia, por assim dizer, naõ
se tem ainda passado sem que nós para com elles deixas-
se-mos de contrahir mui novas e mui essenciaes obriga-
ções. Sim, quasi todos os dias os constantes e briosos
Hespanhoes, havendo jurado defender sua liberdade, tem
sido obrigados a estarem postados sobre a brecha; e a
darem arriscadissimos combates para defenderem a *Arca
Santa*, em que está depositada a Lei constitucional: e
cada um destes combates gloriosos tem sido para nós uma
Victoria assignalada, por que tem dado um mortal e de-
cidido desalento a nossos internos, e irreconciliaveis ini-
migos. Verdade he, Senhores, que nós naõ temos á vis-
ta, como tem os Hespanhoes postados na vanguarda, ini-
migos taõ perigosos; porque os nossos, insignificantes
por talentos, virtudes, e caracter saõ essencialmente co-
vardes; e de todo tem seu credito perdido na publica o-
piniaõ: porém saõ elles, todavia, mui numerosos, e te-
nases em seus antipatrioticos projectos. Quando, pois,
os negocios da liberdade se perdessem na Hespanha, el-
les, os nossos inimigos, ainda quando mais naõ fosse,
por seu numero, e unidos ás servis cohores Hespanholas,

nos fariaõ perder, talvez para sempre, todos os fructos que de nossa sanctissima Regeneraçaõ devemos recolher.

Sendo, por isso, mui constante, e até digno do nosso reconhecimento mais sincéro tudo o que até agora tem briosamente obrado os Hespanhoes; porque a seus importantissimos trabalhos na causa da divina liberdade devemos nós nossa actual tranquilidade: ainda em muito maiores obrigações lhes estamos hoje pela ultima victoria alcançada no dia memoravel 7 do corrente. Com effeito, nenhuma atéagora tem sido taõ decisiva, e taõ fertil em prodigiosos resultados como a ultima victoria de Madrid, taõ briosamente ganhada, e ainda mais briosamente pelejada! Para bem avaliarmos seu preço e seu valor, reflecti agora, senhores, nos muitos e variados preparativos que os inimigos tanto externos como internos da liberdade Penisular estavaõ fazendo depois de muitos tempos para a ganharem.

Em primeiro lugar, já alguns d'aquelles nos tinhaõ ameaçado com manifestos e declarações diplomaticas: haviaõ outros, que, por um procedimento nunca visto na historia das nações civilisadas, estando comnosco em boa paz e harmonia, e ao menos sem prévia declaraçaõ de hostilidades, já tinhaõ recusado receber nossos Ageutes ou Representantes diplomaticos: e até havia já alguem que, debaixo dos mais ridiculos e frivolos pretextos, para a inconquistavel barreira Peninsular tinha feito marchar numerosas Legiões para com ellas naõ só ameaçar nossa liberdade, porém alentar os braços fratrecidas de nossos mesmos perfidos irmaõs, vendidos a estranhos, e a inimigos: sim, vendidos a uma causa monstruosa, na qual unicamente se intenta decidir — *Se a Peninsula deve ser livre ou ser escrava; e se ha de receber ou naõ os duros ferros do despotismo estrangeiro!*

Mas em quanto tudo isto externamente se passava, reflecti ainda, Senhores, em tudo o que internamente acontecia nos dois grandes Reinos da Peninsula. Em Hespanha ora se viaõ resuscitar, bandos, e cohortes, denomina-

das — *Exercitos da Fé*: ora tumultos e agitações em todas as provincias desde o Guadiana até o Ebro: ora, em fim, até junto ou dentro do mesmo palacio do Monarcha se ouviaõ gritos sediciosos, e os impios clamores de — *Viva o Despotismo*! ou de *Viva o Rei absoluto!* Em verdade, Senhores, quando o homem, feito á imagem do seu Deos, e livre por essencia e natureza, chega ao ponto de se degradar a baixo do bruto, o unico escravo por essencia e natureza: e quando o mesmo homem naõ tem pejo nem vergonha para dizer em alta voz: *eu quero ser escravo, e por-me ao nivel do bruto que nutro e que cavalgo*; he, com effeito, tal ente humano o animal mais abjecto e despresivel que pela geral creaçaõ foi produzido!

Dentro de nossa patria naõ viamos nós, por certo, antes da crise do dia 7 do corrente, monstruosidades taõ absurdas, taõ inconsequentes, e taõ perigosas: porém viamos tumultos excitados de proposito dentro da Capital, e em outras cidades populosas das provincias: viamos soldados revoltosos tanto dentro em seus quarteis como até no mesmo acto de serviço: viamos a Imprensa assalariada, vomitando atrocissima peçonha: e se nos indicavaõ, em fim, miseraveis e infelises delinquentes, como sahindo de seus antros e cavernas com os fachos da discordia já promptos para o incendio. E naõ eraõ todos estes factos, e os mais que se passavaõ na Hespanha, preparativos mui sistematicamente combinados para se dar uma batalha regular, na qual haviaõ todas as esperanças de que por uma vez acabaria a Augusta liberdade, até hoje triumphante na Peninsula? Felizmente, para a grande causa Peninsular, esta grande batalha foi pelejada e foi vencida em Madrid pelos heroes da liberdade no glorioso dia 7 do corrente: e aos bravos Hespanhoes devemos nós, os Portuguezes, uma grande parte dos incalculaveis fructos da Victoria.

Honra, pois, e louvores sem fim tenhaõ cá na terra as almas illustres dos valentes, que derramaraõ seu sangue, e deraõ suas vidas generosas para salvarem a

Hespanha e Portugal de todos os horrores de um feroz e vingativo despotismo ! E paz e felicidade eterna tenhaõ ainda ellas no seio immenso da divina eternidade, donde foi para sempre despedida a escravidaõ para eternamente ficar agrilhoada nos subterraneos infernaes !

Porém nós, Senhores, naõ devemos só com estes nossos bons desejos, nem só com esta sublime e patriotica effusaõ de nossos corações procurar pagar a divida immensa que temos contrahido para com os Martires de nossa liberdade, e para com a illustre naçaõ que taes filhos produzio: outro dever mais santo, mais sublime, e mais religioso temos nós ainda que cumprir; e este dever santo, sublime, e religioso consiste mais que tudo em lhes immitarmos o magnifico exemplo.

Imitaremos, por tanto, Senhores, mui religiosamente este magnifico exemplo, se desde hoje em deante tomar-mos a resoluçaõ inalteravel de resistirmos com brio, com valor, e constancia decidida a todas as seducções e a todos os ataques desse inexoravel despotismo, que, vestindo mil figuras seductoras, procura extinguir toda a santa liberdade cá na terra, e reduzir o mundo todo a ser o escravo permanente só de poucas e privilegiadas creaturas. Mas naõ ha de assim acontecer ! O espirito da divina liberdade, que sahio do seio da razaõ humana, e sahio taõ puro e taõ incorruptivel como da cabeça de Jupiter, se diz sahira um dia a virgindade de Minerva, naõ póde ser degolado por alfanges, nem devorado por fogueiras: assim será elle eterno; porque ao menos terá sempre Hespanhoes e Portuguezes que o saibaõ defender ! Em uma palavra, Senhores; honremos a memoria de taõ illustres mortos, mas honremo-la como homens livres, que naõ desejaõ ver inultimente derramado tanto sangue precioso em favor da liberdade. E para a honrar-mos dignamente, fiquemos altamente persuadidos, que uma victoria ou huma derrota, acontecida na Hespanha ou Portugal, he uma Victoria ou uma derrota commum para a commum causa da Peninsula.

Unidos ambos os Povos com mui estreita e fraternal

cordialidade, façamos da Peninsula a terra classica da incomparavel liberdade; e á custa de ambas as nações, façamos ainda, se he possivel, levantar nas duas extremidades dos inexpugnaveis Pyreneos duas ellevadissimas colunas, nas quaes se leiaõ em largos caracteres estas palavras memoraveis e tremendas: — *Daqui para dentro naõ passa o despotismo!*

Para esta sagrada uniaõ nos convidaõ os reciprocos interesses que tem ambos os povos da Peninsula em se unirem estreitamente para uma defesa commum, por isso que pela mesma santa causa saõ ameaçados. Ha muito tempo que as nações, inimigas de toda a liberdade Peninsular, por seus actos públicos e occultos nos estaõ ameaçando: e naõ só nos ameaçaõ, porém, sem nobreza e lealdade, com tenebrosos manejos procuraõ cada dia acender a guerra civil entre os dois povos que para com ellas naõ tem commettido outros delictos mais do que os de naõ quererem ser escravos, e de preferirem uma nobre liberdade a uma absurda e estulta servidaõ. Eia pois, Senhores, em tal caso, e em taõ graves circunstancias, eu vou concluir o meu discurso, pedindo-vos, que para dignamente honrarmos os heroes e os Martires que por nós, e por toda a Peninsula morreraõ, ganhando taõ brilhantissimo triumpho, no dia 7 de julho de 1822; nenhum de nós daqui agora se levante sem primeiro dar o solemne e irrevogavel juramento de *viver livre, ou de morrer, defendendo a liberdade.*

Quanto a mim, Senhores, de todo o meu coraçaõ e boa vontade serei eu o primeiro em repetir taõ sagrado juramento. E para que immediatamente se ponha em execuçaõ um acto taõ religioso, taõ patriotico, e solemne, eu vos peço licença para já dar fim ao meu discurso.

Acabado o discurso entre os applausos e acclamações geraes dos socios e expectadores que haviaõ concorrido em grande numero, o socio Joaõ Baptista da Silva Leitaõ d'Almeida Garrett, occupando o lugar que deixára o illustre orador, recitou o seguinte epicedio.

A OS MORTOS NO CAMPO D'HONRA EM MADRID.

EPICEDIO.

Aquel, aquien el mismo puso el yugo
Fue su cuchillo, e aspero verdugo.
. . . .
Y de mortales hombres opprimido,
De adquirir libertad determinado,
Reprovando el subsidio padecido,
Acude al exercicio de la espada
Ya por la pax ociosa desusada.

D. AL. DE ERCILLA Y ÇUNIGA. ARAUC. CANT. I.

Voz de morte soou: e o echo funebre
Do Mançanares retiniu no Tejo.
Brado, que ouvimos, que nos feres n'alma,
Que vens trazer-nos? — « Liberdade eu trago, »
Oh! que esta he voz de gloria!.. He gloria.. he vida:
Nem outra vida a coraçaõ, que he d'homem,
A natureza deu; nem outra morte
Que algemas, e grilhões. Nestes só vive,
Naõ, só vegeta miserando escravo:
E do escravo a existencia he vida d'homem?
Oh! naõ. He sangue torpe, e frouxo, e fraco,
Que nem lhe leva ao coraçaõ heivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Principio nobre de vital allento.
E sois escravos, Hespanhoes briosos?
Naõ, que fôrças naõ ha que valhaõ tanto.
Como ousa pois, como se atreve a morte
A hastear a fouce nos torreões da Hesperia?
Co'as azas côr dos tabidos sepulcros
Tapára o lume ao sol noute do Engano.
Por entre as sombras do ennublado escuro

Vaga negra traiçaõ de aspecto horrendo;
Na dextra, que lhe treme de covarde,
Traz o punhal de Syla; pende á esquerda
De Catilina infame a crua adaga.
Frente, que em rugas lhe encrespára a astucia,
Cinge-lha em tôrno salpicado em sangue,
Dourado ao vêr-se, e ferreo na estructura,
O diadema de Julio. O grito ardido,
O brado de honra, que á peleja avoca,
Naõ o dá essa infame: a furto, a medo
Vai com tremulo accento despertando
Almas como ella timidas, covardes,
Taõ promptas á traiçaõ, como á deshonra,
Taõ faceis no esgrimir punhaes no escuro,
Quanto em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza ousada.
La vaõ, que a seguem avidos de mando,
Os que d'um povo inteiro o jus pertendem
Concentrar só em poucos. La se ajunta
D'entôrno á cruz por elles profanada
A tribu de Leví, sequosa d'ouro,
Tribu, que as honras, que as riquezas foge,
Que em nada as pompas avalia, e présa,
Por mais honras, mais pompas mais riqueza
Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

Onde, ó monstros? aonde o gente indigna?
Ao alcaçar da augusta liberdade?
Que! Pensaes que de assalto heis-de tomalo?
Julgais que dormem os heroes que o guardaõ?
Tem mil Camillos por um Brenno a Hespanha,
E por cem vis punhaes milhões de espadas,
Que alerta velaõ, que rompentes correm,
« Alerta, alerta » de Riego soa
Brado libertador, voz d'honra, e gloria:
E á voz de Riego batalhões se apinhaõ,
E de Morillo á voz campiões se adunaõ,
Crescem, redobraõ co' frequente povo.

Ei-los em tôrno da arvore sagrada,

Que inda infante crescia, e que esses monstros
Queriaõ dar-lhe ao vento à raiz tenra!
Ei-los em tôrno, que os briosos peitos
Ao bronze offrecem, que lhes traz a morte.
Ei-los o braço ao braço, a espada á espada
O amigo que o foi já, do pai, que o nega,
E do irmão que o naõ, bramindo encontraõ;
Só patria he tudo em corações só livres;
Laços da natureza estaõ cortados:
E quem os quebra? — Vós, escravos tredos,
Vós co'a maõ gotejando sangue amigo;
Vós lhe desdais os nós, e co'impio ferro
De golpe lhe cortais prizões sagradas.
Mas oh! que em vaõ rugis de insania, infames;
Naõ vale maõ de escravo a acertar bote
Em peito livre, em coraçaõ, que he d'homem.
Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe denegrido sangue
Dêsses, que homens já foraõ, monstros hoje.
E o sangue impuro, que espadana à jôrro,
E a froxo corre de esfriadas veias,
La vai regar essa arvore sagrada
Da vividoura, augusta liberdade,
Essa arvore, de rama, e flor, e fructo
Escassa, e pobre se a naõ rega o sangue
Do que á nascença lhe pragueja a planta,
Do que só lhe agourou, só lhe deseja
Granizo queimador, tufaõ de morte.
Oh! corra-lhe esse sangue abominavel,
E vereis, e vereis como ella cresce!
Louvor ao povo illustre, que o derrama,
Louvor te seja Matritense povo!
Pregões de gloria te vozeie a fama.
Louros, que cinges... Ah! bem vejo: os louros
C'o verdenegro do cypreste enlaças;
O grito da victoria entre ais se perde,
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Ah! chorais sôbre irmãos: foi caro o preço:

He bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela patria, sôbre o campo d'honra,
Martyres della . . . Oh! gloria, e gloria excelsa!
Esses luttos, rasgai-mos; essas c'roas
De cypreste feral longe da campa.
Por endeixas de morte, hymnos de vida,
Por tristes nenias, canticos festivos!
Esse atahude, que lhe leva as cinzas,
He cofre d'ouro, que heroismo encerra,
He thesouro de gloria, e liberdade,
He monumento de nobreza eterna,
He memoria ao porvir, he brado ingente
Que irá no longo curso das idades
De geraçaõ em geraçaõ clamando:
« TREMEI NO SOLIO, Ó DESPOTAS DA TERRA. »

Entaõ, o presidente, tomando a palavra propoz á sociedade se se prestaria o juramento que requerêra o socio orador Freire de Carvalho, e a sociedade unanimente decidio que sim. O presidente disse « O nosso socio » Garret acaba de nos exprimir em seus versos os senti- » mentos d'uma alma verdadeiramente livre:

. . . . . . a coraçaõ que he d'homem
A naturcza deo . . . . . outra morte
Que algemas e grilhões . . . .
. . . .
. . . .
He bem duro morrer por maõs d'escravos.

» Juremos viver livres, porque nossas vidas naõ sobres- » tariaõ á perda da liberdade. » E levantando-se, todos os socios, e espectadores o imitáraõ, e prestáraõ o juramento com o mais ardente, e solemne enthusiasmo.

O presidente levantou a sessaõ, e assim findou este acto taõ singelo na sua pompa, mas por ventura o mais energico e sincero que se votasse aos manes daquelles illustres martyres da liberdade peninsular.

LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1822.

9 TITLES
1000